



REDATOR PRINCIPAL.

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confédération Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 28-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talhata - Lisboa • Telephone: 2

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS 8 HORAS E A C. G. T.

Trabalhadores portugueses - para os comícios públicos!

A C. G. T., com o convite que vem de dirigir à organização operária do país, pretende levar esta, por intermédio das Uniões de Sindicatos Operários, a uma manifestação nacional em que o proletariado demonstre inequivocamente que não está disposto a consentir, como o pretende o patronato do comércio e da indústria, que a lei das 8 horas de trabalho seja modificada para pior.

A atitude bifronte que os governantes estão revelando neste caso da lei das 8 horas é indício seguro de que se pretende anular essa regalia, há longos anos reclamada pela classe operária. E assim sucederá rialmente se o proletariado, por uma forte pressão exterior, não fizer cumprir a lei, evitando dêste modo queela seja um bocado de papel tam inutil como tantos outros que enchem os arquivos ministeriais.

O SINDICALISMO EM FRANÇA

Que é o Conselho Económico do Trabalho?

Os intuições com que foi criado

Concluimos hoje a declaração que a C. G. T. francesa julgou necessário dar a lume, para explicar as circunstâncias que a levaram a instituir o organismo a que se refere a epígrafe acima e as funções que ele é chamado a desempenhar.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para cada um dos parágrafos dessa segunda parte do importante documento, que nela redobra de interesse.

A nacionalização industrializada. Sua definição e condições de efectividade.

Perfazendo a concepção da nacionalização industrializada, cujas condições de realização é que se empenhará em definir, o Conselho Económico do Trabalho não deseja

perpetuar e consolidar a forma actual de estatismo, que em nada soube justificar as esperanças que nela haviam sido depositadas.

Como a comprehende e reclama movimento operário, a Nacionalização consiste na entrega aos produtores e consumidores associados, dos meios de produção e a troca de que eles foram despossessados em proveito de alguns indivíduos.

Desarmar o Estado, fazendo-o volver para o instante em que passará de representante dos organismos colectivos de produção de repartição, tirar-lhe assim as armas de coerção que ele encarna, arrancar das mãos do Capital direcção da economia nacional, ao Trabalho os direitos a que aspira e as responsabilidades que ele está apto para assumir, é a tarefa a executar.

A salvação está na organização a mira numa produção intensificada, única susceptível de corresponder convenientemente às necessidades gerais do consumo, capaz de determinar a transformação essencial dos métodos técnicos e dos instrumentos de rica; e esta organização só se pode levar a cabo pela cooperação dos que tomam parte na própria produção — operários e técnicos; — dos que tem, ou antes, queriam ter por missão profissional a coordenação das actividades colectivas — os funcionários; — aqueles enfim que representam os interesses dos consumidores: os cooperadores. Só pode ter realização recorrendo da maneira larga aos ensinamentos da investigação científica, cujo prosseguimento deve ser desenvolvido metodizado.

Essa produção intensiva, porém, só é possível com duas condições. É necessário:

1.º Que seja organizada no país tal forma que as riquezas naturais, o génio da raça, a instalação industrial e o ordenamento dos meios de permute sejam plenamente valorizados, e que todos em parte no trabalho comum que produz os objectos necessários à vida individual e colectiva.

2.º Que os produtores, cujos interesses tem sido negados ou desrespeitados, tenham a certeza que o seu labor é dado em proveito da colectividade de inteira, e para satisfação dos interesses articolares dumha classe, que foránte, após a lamentável incapacidade que ela mostra aos barbares menos perspicazes, já nem quer pode alegar em defesa dos presentes, mostrando-se há o C. G. T.

NOTAS & COMENTARIOS

Sadoul, candidato a deputado

Os socialistas em Paris apresentam ao sufrágio da cidade o nome de Sadoul. Advogado nos tribunais da capital francesa, Sadoul, mobilizado ao começo da guerra, tem o posto de capitão do exército. Enviado à Rússia como agregado a uma missão diplomática, negociou-se depois a obedecer ao governo que o chamava à França, e por lá se deixou estar prestando à República dos Soviéticos serviços de importância. A justiça militar julgou-o sumariamente por deserção, por inteligência com o inimigo (?), e por excitar os soldados à desobediência.

Tomando Sadoul como um símbolo da revolução russa, os socialistas apresentaram o seu nome logo à cabeça das suas listas, querem afirmar o seu protesto contra a condenação à morte de Sadoul pela justiça militar, e ao mesmo tempo a sua simpatia e apoio à revolução proletária iniciada pelo povo soviético.

Bom filho à casa torna... O sr. Alfredo Ladeira, antigo operário, filiado no Partido Socialista antes da revolução de 5 de Outubro, ao triunfar a República e tendo a burguesia acenado com uma cadeira de deputado, voltou as costas ao seu partido e filiou-se no Partido Republicano Democrático. Como democrata assistiu, sem protesto, antes dando-lhe a cumplicidade do seu silêncio, a todos as poucas vergonhas e arbitriações cometidas pelo seu partido contra as classes trabalhadoras, donde saiu, e até contra os seus correligionários da véspera.

Sucedeu, porém, que a guerra veio abrir longo futuro ao socialismo, e entre nós, por circunstâncias várias, os partidos políticos burgueses estão condenados a morrer sob o desprêzo, o mais profundo, e a repugnância, a mais justificada, de toda a população. Então, mestre Ladeira calculou que a ocasião era azada para voltar de novo ao seio dos seus amigos correligionários sociais.

O partido democrático — pensou — já não dada, e o que dã já é pouco para a gula insaciável dos pretendentes. E zás, desfilou-se daquele e filiou-se no P. S. P. E vai dizer, os seus amigos correligionários, que ele trouço por uma cadeira de deputado, recebem-no com fôlego e balões à veneziana, como o grande Elias.

Ah! não há dúvida que a vidiña é uma ladeira bem difícil de subir com a espinha bem direita!

Há quem, a propósito, lembrasse já o bom filho à casa torna. Mas será o ditado popular bem aplicado a este caso?

O Congresso Internacional da Imprensa

PRAGA, 14 (T. S. F.) — O sindicato dos jornalistas tchecos organizará, no mês de Junho de 1920, um Congresso Internacional da Imprensa, para o qual serão convidados todos os países da Entente. — Rádio

T. capaz de fazer a ordem pela elaboração das soluções adequadas. E quando soar a hora próxima dos actos, longe de se subtrair às responsabilidades que lhe tocarão, saberá pelo contrário assumi-las com o apoio da classe operária inteira, com a colaboração dos homens de bem, de todos os que não tem a inteligência obscurecida nem falseada pelo egoísmo de classe.

Fortalecida pela confiança que o país lhe testemunha e que ela deseja justificar plenamente; apoiada pelo concurso dedicado dos dois milhões de aderentes que ela conta no seu seio; certa da cooperação das competências que lhe são proporcionadas por todos os que se lhe juntam, a C. G. T. no esforço que vai empreender por meio do Conselho Económico do Trabalho, porá o ideal, o desínteresse e a energia que dela fizeram uma personalidade moral inatacável.

Na plena visão das suas responsabilidades e dos deveres que lhe impõe a grande causa que ela defende, apelando para as organizações de consumidores e para os técnicos, tem em vista preservar o país da ruína que o espereita.

Fortalecida pela confiança que o país lhe testemunha e que ela deseja justificar plenamente; apoiada pelo concurso dedicado dos dois milhões de aderentes que ela conta no seu seio; certa da cooperação das competências que lhe são proporcionadas por todos os que se lhe juntam, a C. G. T. no esforço que vai empreender por meio do Conselho Económico do Trabalho, porá o ideal, o desínteresse e a energia que dela fizeram uma personalidade moral inatacável.

A organização geral da produção no mundo, a extracção das matérias primas, a sua repartição, a dos produtos manufacturados e dos géneros alimentícios devem ser objecto de preocupações semelhantes da parte dos trabalhadores de todos os países. A situação económica mundial, as crises

do Trabalho.

Tal é a obra da qual a C. G. T. querer ser iniciadora com a criação do Conselho Económico do Trabalho.

Na desorganização e desânimo

que a agitação nos países que pare-

A Companhia Carris

projecta um novo aumento de tarifas

Ou é da nossa vista, ou prepara-se a companhia de Santo Amaro para aplicar aumento grosso no preço das tarifas dos eléctricos. Olé. Pelo menos há disso indícios sérios, a começar pelo arrazoado extenso visível em plena primeira página, corpo 10, de um grande cotidiano anunciador, e que, Deus nos perdoe, cheirava à lègue a causa paga à língua. E por bom preço. A imprensa está assim, de cofre à porta ou à meia porta, para receber o que lhe pagarem, em troca de qualquer publicação, não importa a espécie. Pois prepara-se a companhia de Santo Amaro para grossa extorsão. Ou é da nossa vista. Lá se estava no extenso arrazoado dos aumentos de 50 a 100 por cento nas tarifas que uma companhia de Londres, explorando a viação eléctrica, iria brevemente pôr em prática. Lá se aludia ao estado financeiro da Companhia Carris, em jeremiadas comovedoras. Na essência trata-se dumha mentira pegaada. As trapalhices da escrita da companhia Carris tem sido já bastas vezes trazidas a público, mas nem com isso elas modificam os seus processos. Tudo mister. De verdadeiro há apenas a intenção de elevar os preços dos eléctricos. Dessa não nos livramos nós, a menos que resolvemos adoptar por uma vez uma atitude decidida contra tanta exploração. Senhores por um lado, mercenários por outro, assambalhadores, especuladores, larápios descarados, toda uma matilagem desenfreada se precipita sobre nós a roubar-nos as últimas gotas de sangue. Não resolvemos nós correr-las a chico-fina finalmente?

A excursão operária a Paris

Se bem que a inscrição ainda não esteja aberta, continua a aumentar o número de camaradas inscritos para a excursão a Paris, a realizar em 1921, organizada por um grupo de redactores de *A Batalha*, sendo de esperar que o número de aderentes engrossse em breve sensivelmente. Na última reunião da comissão organizadora, tomaram-se várias resoluções, entre elas a de que a cotisação se iniciaria na primeira semana de Dezembro, sendo como já anunciamos de 2\$00. Brevemente se escreverá a várias camadas de Paris, para que eles nos elucidem acerca das facilidades que ali nos poderão proporcionar, depois de que publicaremos o programa completo da excursão, estando já estabelecido que a sua permanência em Paris será de 15 dias, realizando-se alguns passeios às localidades mais importantes da região do Sena. Será um passeio por todos os titulos agradável, merecendo bem o sacrifício que todos nós, operários, fazemos, arrancando dois escudos as férias semanais.

A comissão organizadora ainda delibera que qualquer camarada que desista de participar na excursão, tenha a faculdade de retirar o dinheiro com que contribuiu, de que se descontarão 10%.

sois várias despesas se tem de fazer, especialmente na confecção de imprensa que se tornam indispensáveis.

T. capaz de fazer a ordem pela elaboração das soluções adequadas. E quando soar a hora próxima dos actos, longe de se subtrair às responsabilidades que lhe tocarão, saberá pelo contrário assumi-las com o apoio da classe operária inteira, com a colaboração dos homens de bem, de todos os que não tem a inteligência obscurecida nem falseada pelo egoísmo de classe.

A organização geral da produção no mundo, a extracção das matérias primas, a sua repartição, a dos produtos manufacturados e dos géneros alimentícios devem ser objecto de preocupações semelhantes da parte dos trabalhadores de todos os países. A situação económica mundial, as crises

do Trabalho.

Tal é a obra da qual a C. G. T. querer ser iniciadora com a criação do Conselho Económico do Trabalho.

Na desorganização e desânimo

que a agitação nos países que pare-

Exigindo a paciência pública

Juventudes Sindicalistas

O governador civil notifica-nos a proibição de inserir convocações destas colectividades

Por meio de convite, patenteou-nos o governador civil o seu desejo de avisar-se com um redactor da *Batalha*, e, nessa conformidade, lá se dispôs ontém um de nós a procurar, no seu palácio da ria Capelo, o sr. Prestes Salgueiro. Comercios com a autoridade nunca fôrmos ao nosso gosto, para falar com inteira franqueza. Mas, em suma, alguma causa de imprevisto teve a dizer-nos o governador civil, para assim tanto inopinadamente nos chamar. De modo que, sempre o ferrão da curiosidade nos foludificando a *démarche*.

O sr. Prestes Salgueiro, logo que na sua presença fomos postos, manifestou admiração pelo nosso jornal. Muito obrigado. Ajuntou que não nos tinha chamado para discutir connosco, esta bem de ver, mas som sómente para fazer-nos uma notificação. A qual notificação vinha a constituir no aviso de que, doravante, está a *Batalha* impedida de publicar as notícias convocatórias das reuniões das Juventudes Sindicalistas. Com efeito, desprazaram-nos a târde a dizer-nos que nem em Portugal existem agremiações de jovens operários, os quais se associam para instruir-se, para tomar conhecimento dos grandes problemas sociais, para encarar de frente a perspectiva combativa do futuro. Em França, por exemplo, a organização das Juventudes Sindicalistas é importantíssima, e de dia para dia mais se fortalece. A guerra, roubando às Juventudes Francesas os seus melhores elementos, adormentou a actividade dessas valiosas instituições. Mas já a revivescência se vai operando entusiasmaticamente, promovida por aqueles elementos que escaparam ao fogo e ocorrem a retomar os antigos postos. O mensário da organização, *Le cri des Jeunes Syndicalistes*, reapareceu também, depois dum suspenso de perto de cinco anos. E o governo francês, há pouco, ainda, em exercer contra as vigorosas Juventudes do seu país existia em que tantas detenções de carácter social se tñham efectuado. Chegou-se no cíntimo de encher a trambordar as prisões civis, de arremessar para as casas-matas dos fortes do campo entrincheirado contentes de criações e da reduzida esquadra de guerra, habitualmente fundeada em frente de Lisboa, muitas foram, as unidades transformadas em prisões flutuantes.

Agora mesmo, estão presos algumas dezenas de trabalhadores.

Quasi tudo gente nova, jovens

operários de ideias emancipadoras,

pertencendo à geração revolucionária

e que o cárcere foram para

pelos seus processos.

Quando se iniciou a guerra, o

governo francês

há pouco, ainda, em exercer contra

as juventudes sindicalistas

que se tornaram a lutar

contra as prisões

que se tornaram a lutar

PELA POLÍTICA

Quem é um legislador? Que representam a história universal e o materialismo humano. E responderão que os legisladores tem sabido inventar mais de que só direitos para apropriação territorial. Responderão que os legisladores não tem servido para outra coisa que para impedir que a liberdade despreze as suas raízes e impedir que o avô do trânsito, que é como fruto a farta estenda os seus ramos. Responderão que os legisladores não tem servido mais de que para retardar a marcha do progresso. Confessarão, enfim, que tanto de bom e útil se tem feito, tem-se feito contra elas e sem elas. — *Emílio de Girardin* (De La Presse).

No palco parlamentar

Um dito acertado do sr.

Camacho

A sessão de ontem na câmara dos deputados era destinada exclusivamente à discussão de uns tantos projectos regionais, postos em ordem do dia e dos quais apenas foram aprovados os seis.

Autorizando o governo a contraír um empréstimo até à quantia de 150.000.000, por 25 anos, destinado à aquisição de um edifício, mobiliário e material de ensino para a escola industrial do Infant D. Henrique, do Porto; autorizando o governo a contrair um empréstimo até à quantia de 150 contos, por 40 anos, destinado à aquisição e adaptação na construção de um edifício para a instalação da Escola Comercial Vieira Beirão, de Lisboa, e a aquisição do mobiliário e material escolar.

A discussão decorreu sem interesse, e falta de elevação. A aumentar o enfado, apenas houve uma piada do sr. Brito Camacho quando o sr. Ramada Curto, referindo-se ao último projecto, disse que não fazia sentido discutir-se projectos que, como esse, não tinham parcer quando outros, sobre os quais as comissões se haviam pronunciado já, aguardavam ser postos em ordem do dia. Nesses casos, estava o projecto relativo ao Jardim Zoológico, que por cativeiro do conde de Burnay estavam em vila de perde-lo.

O sr. Brito Camacho: — «Pudemos ser, mas ficamos ainda com este».

Boa piada! Na verdade é um perfeito jardim zoológico o parlamento. Ali há de tudo: águas, passaros bairaus, tubarões, címacos, milhares, pavões, macacos, camaleões, além de uma coleção completa de burros e pagagios. E se contarmos as galerias temos ainda patos, rolas e outras espécies.

Match entre liberais e democráticos — O projecto do sr. Maldonado das Caldas

O conhecido e acreditado industrial de bombas nas Caldas da Rainha, sr. Maldonado de Freitas, apresentou um projecto de lei confiando a direcção técnica e serviços clínicos do Hospital de Santo Isidoro ao clínico ou clínicos de confiança e escolha da câmara municipal das Caldas da Rainha.

Se soubermos que o clínico contratado do referido hospital, bem como todo o seu pessoal, era evolucionista; e se nos lembrarmos da luta acesa entre os evolucionistas e os democráticos existente nas Caldas, ficamos compreendendo as intenções desinteressadas do sr. Maldonado, influente democrático naquela vila, e a oposição violenta que o projecto encontrou no Partido Republicano Liberal.

Para justificar a boa doutrina do seu projecto, o sr. Maldonado de Freitas fez até citações de Sebastião José de Carvalho e Melo para mostrar que... o grande marquês de Pombal estava com ele, orador.

Em vão os liberais tentaram todos os truques parlamentares para entravar a discussão do projecto. Requereu-se a presença dos ministros que não estavam presentes para que a discussão prosseguisse. Requereu-se que o projecto baixasse a este e aquela comissão para dar o seu parecer. Houve até quem requeresse as ordenações filipinas para se habilitar à discussão. Procuraram-se, a pretexto de invocar o regimento, discursos do tamanho da lègue do Póvoa. Tudo foi inútil. O obstrucionismo era evidente. Gritos, sôcos nas carteiras, urros, berros... Exigiu-se contraprova para as votações dos mil e um requerimentos; reclamou-se por várias vezes a chamada mas, como agora, todas as vezes que a sessão fôr encerrada por falta de número, os deputados que faltarem perdem quinze escudos cada, estes aguentaram-se ali, a pé firme, desesperados, embora, pelo jantar, até às 20 horas, que foi quando, rendidos os dois grupos pelo fome, acordaram entre si, como bons amigos, em suspender a sessão, ficando a discussão sobre o projecto para prosseguir na sexta-feira próxima.

seu ódio à burguesia dominante, o seu desejo de lançar por terra, num impeto colossal, a pútrida sociedade actual e ingressando nos sindicatos, tornando-os cada vez mais potentes, mais robustos, mais adextrados para a luta.

Um unânime movimento de protesto contra as perseguições e violências das autoridades impõe-se. É preciso que gritemos: basta de perseguições às Juventudes Sindicais! Basta de encerramentos de associações, basta de prisões em massa e de prisões sem culpa formada! Reclamamos hojas do povo trabalhador a sua solidariedade material e moral para os presos por questões sociais. É justa a causa. Pois que apareçam homens de boa vontade que nos ajudem a vencê-la!

Ferroviários do Estado

Uma comissão delegada do pessoal dos caminhos de ferro do Estado procurou ontem o ministro do trabalho a fim de pedir melhoria de situação. O ministro prometeu interessar-se pelo mesmo.

O "lock-out" catalão

Assinado um armistício entre operários e patrões

BARCELONA, 12.—A's 9,30 da noite foram assinadas as 10 bases do armistício entre operários e patrões, por uma comissão mixta.

Nessa base declara-se que enquanto o poder público não complete a legislação social, os elementos patronais e operários não tem mais armas para defender os seus respectivos interesses, quando surja uma pugna entre elas, que o lock-out e a greve.

A comissão declara que, para que essa legislação tenha a devida efectividade e transcendência prática, é preciso que o governo tenha em conta os pontos de coincidência de todos os elementos que integram a produção, e para o que é urgente convocar uma conferência nacional económica, a que devem assistir patrões, operários e técnicos.

A comissão julga que para antecipar os benefícios duma lei de sindicatos profissionais, deve estabelecer-se um organismo público para a inscrição de todos os sindicatos patronais e operários.

A comissão julga urgente regular juridicamente o contrato de trabalho e resolveu nomear um relator que apresente um modelo ou fórmula de contrato de trabalho que deverá ser aceite obrigatoriamente pelos patrões e operários, até que seja promulgada a respectiva lei.

A comissão declara que para restabelecer a normalidade é preciso reconhecer a faculdade absoluta do patrão em tudo quanto se refere à direcção e organização do trabalho, sem que os representantes operários possam tomar iniciativas que limitem a autoridade do patrão.

A comissão declara que, tanto no interesse dos patrões e operários, como no da economia nacional, é indispensável intensificar a produção, pelo que condena publicamente os actos precipitados que lhe limitem o rendimento.

A comissão declara que as organizações patronais e operárias não poderão decretar qualquer interrupção ou cessação de trabalho até que funcione a comissão de trabalho criada pela reunião de 11 de Outubro; que não só devem acabar, mas que não se poderão produzir as greves parciais e as boicotes.

A comissão resolve levantar, desde este momento, todas as greves pendentes declaradas pelos operários e o lock-out decretado pela Federação patronal, e com o fim de que haja tempo para expedir as ordens necessárias para a execução deste acordo, fica resolvido que a volta ao trabalho se efectuará no dia 14 de pôr da manhã.

O armistício está assinado, em primeiro lugar, pelo alcalde D. António Martínez Domingo, por cinco delegados operários e seis patronais, e ainda pelos parlamentares srs. Rodez e Rey e Borgada.

A notícia do armistício espalhou-se rapidamente por toda a cidade, sendo recebida com grande satisfação. — Rádio.

As 8 horas de trabalho

EM OEIRAS

Não se dá importância ao regulamento

OFIRAS, 12.—C. A forma como o regulamento das 8 horas de trabalho foi recebido pelos industriais e comerciantes desta vila, representa mais um desengano para as classes trabalhadoras. Ninguém lhe dá importância. Era necessário que os operários impunessem aos patrões o cumprimento da lei, já que as autoridades nada fazem nesse sentido.

Apesar de haver uma associação de empregados no comércio, estes votaram a abandonar por agora trabalhar 12 horas, porque não tem fôrça para exigir o cumprimento da lei.

EM CASCAIS

Continuam as transgressões

CASCAIS, 13.—C. — Apesar de todas as boas vontades do administrador do concelho em fazer cumprir integralmente o horário do trabalho, os comerciantes mostram-se rebeldes no cumprimento desse decreto.

Não compreendemos por que motivo o administrador do concelho aí nomeou delegados a esta União, e convocar os delegados dos Calceiteiros a não faltarem nas reuniões que de futuro esta União venha a realizar.

Convocada também todas as associações aderentes a esta União a convocarem na proxima semana assembleias gerais, para se expôr o resultado das demarches encetadas por esta União em prol das reclamações de todo o operariado do município, junto do senado municipal.

CONVOCAÇÕES

Pedreiros—Reúne terça feira, às 21 horas.

Afaiates.—A assemblea geral reúne amanhã, às 16 horas, para tratar do horário de trabalho.

Empregados Menores dos Liceus de Portugal.—A assemblea geral reúne amanhã, pelas 13 horas, a fim de proceder à aprovação e discussão dos Estatutos pelos quais a mesma se deve reger.

Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos.—A assemblea magna reúne hoje, pelas 21 horas, na sede da Associação de Classe, Rua da Madalena, 91, 2.º, a fim de tomar conhecimento da representação referente à situação económica da classe que vai ser entregue aos poderes constituidos.

Sindicato Único Metalúrgico.—Sessão de Cascais.—Realiza-se amanhã na vila de Cascas, por intermédio deste Sindicato e do dos Soldadores e mais pessoal de fábricas de conservas, uma sessão para a constituição de uma secção do Sindicato Único Metalúrgico. A sessão realiza-se às 15 horas, no teatro da vila e a elas devem assistir todos os metalúrgicos daquela vila e arredores. Assistem à sessão o secretário geral e um delegado do Conselho Técnico.

Porteiros.—A assemblea geral reúne amanhã, pelas 14 horas.

Carpinteiros.—São convidados todos os sócios a reuniarem-se em assembleia geral na proxima quarta-feira, pelas 20 horas.

NUMA FARMÁCIA

Máquina que rebenta

Juvêncio dos Santos, 27 anos, natural de Alcoutim, pertence ao clube Ferreira, 11.º esquerdo, é um criado da farmácia Teixeira Lopes, na rua do Ouro, 151. Ontem, ao passar junto da máquina de fazer oxigénio este rebentou, indo os estilettos cruciforme na cabeça e no braço esquerdo. Socorreu-o pelo seu patrão, Francisco, e pelo patrão que o empregou no hospital de São Lourenço, que é o seu estabelecimento.

Também ficou ferido nos braços e nas pernas, recebendo cutâneo no pôsto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, António de Almeida Barata, 28 anos, barbeiro natural de Viseu, morador na rua das Poias, 19, que foi atingido por alguns estilettos quando falava ao telefone.

A BATALHA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Indústria de Calçado, Cores e Peles.—Reuniu a comissão administrativa que tomou conhecimento das 10 oficinas de Viana do Castelo e Faro, nomeando os delegados.

Reuniu a comissão administrativa que tomou conhecimento das 10 oficinas de Viana do Castelo e Faro, nomeando os delegados.

Rurais de Lisboa.—Reuniu a comissão administrativa que tomou conhecimento das 10 oficinas de Viana do Castelo e Faro, nomeando os delegados.

O PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

HOJE—Sábado—Inauguração da época de inverno—A celebração revista

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses

o PEDE MESTRE ampliado com o novo acto intitulado O ROCIO e duas novas apoteoses</p

A BATALHA NO PORTO

A União dos Sindicatos Operários e a carestia da vida — As corporações de ofícios aderem, em ocasião para isso designada, ao movimento geral — Um prazo ao governo para responder — Uma moção importante — Uma resposta à Associação Comercial dos Lojistas

PORTO, 12.—Presidida pelo representante dos Jardineiros, secretariado pelos delegados dos encadernadores e artes de viagem, efectuou-se ontem a sessão ordinária dos delegados da União dos Sindicatos Operários, conjuntamente com as direções das associações de classe.

Expediente: ofícios das associações dos Jardineiros, Marmoristas, dos Barbeiros e Cabeleireiros, Tamanqueiros, Pedreiros e Boticários, ao mesmo tempo que ratificavam os seus protestos contra a burla da representação de Alfredo Franco na Conferência de Washington e dando conta de que as suas classes, reunidas em assembleia magna preparatória, deram a sua adesão ao movimento contra a carestia da vida, projectado pela U. S. O., desde o momento que, bem entendido, as chamadas classes de peso o secundaram igualmente.

Pelas adesões recebidas constantemente, nota-se que a efervescência contra a usura capitalista é muitíssimo grande, sendo quase todos os organismos operários de opinião que a greve geral no norte, como protesto contra a incúria criminosa dos dirigentes, se tornaram uma necessidade imperiosa, a ver se estes olham os oprimidos com mais um pouco de atenção e respeito.

A discussão, atenta a responsabilidade do problema, foi bastante demorada, ponderando-se inteligentemente todos os lados da questão. Que a actual situação econômica é muito "encravada" e flagela impiedosamente as classes produtoras, é evidente. A sua adesão ao movimento contra a carestia da vida, projectado pela U. S. O., desde o momento que, bem entendido, as chamadas classes de peso o secundaram igualmente.

Considerando que a responsabilidade dos governantes sobre tal ponto que, estando grandes quantidades de toneladas de géneros alimentícios a apodrecer nas colônias, à falta de transportes, estes estão em descanso nos portos estrangeiros, estando a nação a pagar as enormes despesas que vapores em tal condição ocasionam;

considerando mais que sempre que o operariado se lança em lutas pró-arranjo do salários encontra pelo frente o patronato a afirmar não ser esse o caminho viável a seguir, devendo-se antes reclamar o barateamento da vida, sem, no entanto, cooperar nesses movimentos; mas considerando que a organização operária do Porto não quer que alguém lhe possa assacar responsabilidades por se lançar num movimento pensado, que o não era honesto, visto que a única resposta que as autoridades deram ao comício de 14 de Outubro, foi mandar indagar das moradas dos militantes, para lhes tirar a liberdade no momento em que o povo se resolvia a dizer que tem fome; e as 45 direções aderentes à U. S. O., reunidas com o fim de prosseguir em no movimento tendente ao barateamento do custo da vida, resolvem:

1.º que se envie ao governo, por intermédio da C. G. T., uma cópia desta moção, que se fará acompanhar de um ofício explanatory, dando-lhe um prazo máximo de 15 dias; a contar da data da entrega deste documento, para resolver;

2.º que, findo este prazo, e não se obtendo satisfação, todas as classes, unidas como uma só, reclamem, dentro da União, e perante todo o patronato local, um aumento nos salários numérica inferior a 50%, ficando desde já em sessão permanente, não só a U. S. O., como também todas as direções, a fim de que, a todos os momentos, possam ser procuradas e encontradas;

3.º que se não indique ao governo qual o caminho que deve trilhar para levar a efeito o abastecimento do mercado e consequentemente o barateamento do custo da vida, visto nos arquivos, empossados dos ministérios, existirem, abandonadas, múltiplas indicações fornecidas pela organização portuguesa por diferentes ocasiões, que postas em prática, atenuariam sensivelmente a miséria económica que o operariado vem suportando pacientemente;

4.º que se delcina no governo e nas autoridades suas subordinadas a inteira e absoluta responsabilidade de tudo quanto possa vir a acontecer, ocausado pelo seu desleixo e cumplicidade com os assambardadores;

5.º que todas as associações publicam este documento, bem como ofício de que fala a primeira conclusão desta moção, em manifesto às suas respectivas classes.

Ora este *vamos a isto* significa um deseo justificado de que se exerce uma ação mais energica, fora do vulgar, liberta das meias frases, livre das meias tintas, uma coisa talvez idêntica a que há pouco tempo ainda aconteceu em Itália, que retumba, ecôe, figura perpétuamente vinculada na memória dos trâncantes, para exemplo, para temer mais uma parcela de juizinho. Mas para que um tal empreendimento, baixado num movimento de carácter geral, numa paralisação de trabalho completo, possa sair robusto e corajoso, indispensável é que haja mais preparação, mais organização, mais disciplina, mais homogeneidade.

As classes operárias desta cidade, após as reuniões de consulta e de propaganda, mostram-se de acordo com uma greve até que as autoridades competentes deem uma resposta cabal às reclamações apresentadas pela União Local e sancionadas no monstruoso comício de 14 de Outubro.

Ontem, na reunião de delegados e direções dos sindicatos profissionais aderentes, tal acordo foi, por assim dizer, ratificado. A primeira palavra, pois, está dada. Mas como das palavras à realidade há um certo perigo, a U. S. O. entende agora conveniente que se inclinem todas as atenções para o fortalecimento da solidariedade, do bloco combativo e reivindicador, que nos há de trazer a vitória, preparando-se todos para o sacrifício a arrostar, para a luta a sustentar, para as responsabilidades a medir.

A primeira adesão está dada; agora falta a metodização do movimento, a mecanização da peleja, a disciplinização dos combatentes, obedecendo tudo a um plano, a comando, a um ideal — que ven a ser a bandeira da campanha. En quanto, porém, isto se vai conseguindo, a U. S. O., isto é, as direções das Associações corporativistas reunidas resolvem ir aproveitando o tempo, até que venha o dia do movimento mais energico, aprovando a seguinte moção apresentada pelo C. A.:

Considerando que o operariado continua sendo deitado ao desprezo por aqueles que tinham o dever ineluctável de velar por ele, para que nada lhe faltasse — visto serem os detentores da terra, das máquinas, dos meios de transporte, das casas que habitavam, da alimentação, do vestuário, da própria liberdade, etc., etc.;

Considerando que os políticos, sempre férteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuguesa, pois é a sombra de tais portas escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor; considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo classes patronais, veio até nós demonstrar-nos que a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambardadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braçais;

Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos, de fechamento contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

considerando que a organização operária milita num campo completamente aposto àquele em que se encontram os comerciantes, assistindo-lhe o direito de suspeitar da boa fei daquelas que só a ela recorrem em momentos muito especiais; a assembleia das direções reuniu para tratar do assunto, resolve:

"Oficiar à Associação Comercial dos Lojistas do Porto fazendo-lhe sentir que não pode o operariado, sem risco de comprometer a sua organização, enfileirar-se ao lado dos comerciantes para a solução de um problema que os comerciantes, que se apelidam as únicas forças vivas da nação, tem o dever de resolver."

Liga das Artes Gráficas do Porto

Em assembleia magna, reuniu a classe tipográfica desta cidade a fim de se ocupar do movimento contra a carestia da vida.

Falamaram vários oradores, todos salvando a miséria proletária, agravada com a exploração patronal e comercial, além do desleixo e conveniência dos governos, sendo, por fim, aprovada a seguinte moção:

"A classe gráfica, em sessão magna, reuniu, em 9 de Novembro a convite da direção da sua colectividade, reconhecendo que o movimento encetado pela União dos Sindicatos Operários contra a já mais que reconhecida carestia da vida, merece a unânime aprovação de todos os que no presente momento sofreram o mal-estar dos que não tem rendimentos próprios além do produto do seu trabalho, manifesta à União a afirmação de que em ocasião oportuna prestará todo o seu apoio às resoluções que se precisem levar a efeito, no sentido de melhorar a triste situação dos trabalhadores."

Independentemente disto, tratou-se igualmente do actual horário de trabalho, reconhecendo a classe gráfica que agora tem direito de exigir que os seus interesses, os senhores, convidados com os governantes, em que sempre teve encontrado bons amigos, exagerarão ainda mais os seus lucros, lucros arrancados à bolsa do trabalhador, a essa tam escorrida, que parece impossível ainda dar abrigo a alguns cobres depois dos assaltos de que foi vítima da parte de industriais, comerciantes, agricultores e políticos.

Uma sessão de protesto na Associação dos Caboquereiros e Fabricantes de Cal

Sob a presidência do camarada Luiz Machado, secretariado por Ignacio Botas e José Gomes, realizou-se ontem, conforme noticiámos, na sede da Associação de Classe dos Caboquereiros e Fabricantes de Cal, uma sessão de protesto contra a ganância dos senhores.

Usaram da palavra os camaradas José Martins Grilo, Alfredo Lopes, Francisco Aparício, Luís Machado, sendo unânimes em censurar asperamente os desacaráveis propósitos dos senhores, que querem aumentar escandalosamente as rendas das casas.

Os oradores aconselharam o auditório a secundar a campanha dos senhores.

As direções, ficaram de concordar para a anormalidade social que provocou no mundo inteiro a grandiosa convulsão que agita os povos escravizados e os faz pensar mais a fundo num mundo mais livre e igual — é um facto que está fora de toda a dúvida; que os governantes, longe de se esforçarem por encontrarem a delebação do mal estar predominante, antes o tecem agrado com as suas asneiras e encargos subseqüentes tendentes a suprirem os desmandos dos ministérios — é um caso incontroverso; que o industrialismo e o comércio, apesar de se confessarem, como o crente em coisas divinas, muito temerosos pelas conquistas trágicas e vingadoras que a Revolução Social, iniciada pelas camadas fumantes, pode acarretar, em vez de abrandarem um tanto a sua marcha especulativa de roubo, mais aguam as garras e as crava na aduncamente no *lombo* do consumidor — é uma verdade que a ninguém é lícito negar. Daí infer-se, muito naturalmente, que o desespero dos prejuízados, que tudo trabalham e nada possuem, fui se avolumando até que, nervosamente, gritem: — *vamos a isto!*

Ora este *vamos a isto* significa um deseo justificado de que se exerce uma ação mais energica, fora do vulgar, liberta das meias frases, livre das meias tintas, uma coisa talvez idêntica a que há pouco tempo ainda aconteceu em Itália, que retumba, ecôe, figura perpétuamente vinculada na memória dos trâncantes, para exemplo, para temer mais uma parcela de juizinho. Mas para que um tal empreendimento, baixado num movimento de carácter geral, numa paralisação de trabalho completo, possa sair robusto e corajoso, indispensável é que haja mais preparação, mais organização, mais disciplina, mais homogeneidade.

As classes operárias desta cidade, após as reuniões de consulta e de propaganda, mostram-se de acordo com uma greve até que as autoridades competentes deem uma resposta cabal às reclamações apresentadas pela União Local e sancionadas no monstruoso comício de 14 de Outubro.

Ontem, na reunião de delegados e direções dos sindicatos profissionais aderentes, tal acordo foi, por assim dizer, ratificado. A primeira palavra, pois, está dada. Mas como das palavras à realidade há um certo perigo, a U. S. O. entende agora conveniente que se inclinem todas as atenções para o fortalecimento da solidariedade, do bloco combativo e reivindicador, que nos há de trazer a vitória, preparando-se todos para o sacrifício a arrostar, para a luta a sustentar, para as responsabilidades a medir.

A primeira adesão está dada; agora falta a metodização do movimento, a mecanização da peleja, a disciplinização dos combatentes, obedecendo tudo a um plano, a comando, a um ideal — que ven a ser a bandeira da campanha. En quanto, porém, isto se vai conseguindo, a U. S. O., isto é, as direções das Associações corporativistas reunidas resolvem ir aproveitando o tempo, até que venha o dia do movimento mais energico, aprovando a seguinte moção apresentada pelo C. A.:

Considerando que o operariado continua sendo deitado ao desprezo por aqueles que tinham o dever ineluctável de velar por ele, para que nada lhe faltasse — visto serem os detentores da terra, das máquinas, dos meios de transporte, das casas que habitavam, da alimentação, do vestuário, da própria liberdade, etc., etc.;

Considerando que os políticos, sempre férteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuguesa, pois é a sombra de tais portas escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor; considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo classes patronais, veio até nós demonstrar-nos que a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambardadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braçais;

Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos, de fechamento contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

Considerando que o operariado português, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que os políticos, sempre férteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuguesa, pois é a sombra de tais portas escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor; considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo classes patronais, veio até nós demonstrar-nos que a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambardadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braçais;

Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos, de fechamento contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

Considerando que o operariado português, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que os políticos, sempre férteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuguesa, pois é a sombra de tais portas escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor; considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo classes patronais, veio até nós demonstrar-nos que a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambardadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braçais;

Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos, de fechamento contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

Considerando que o operariado português, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que os políticos, sempre férteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuguesa, pois é a sombra de tais portas escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor; considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo classes patronais, veio até nós demonstrar-nos que a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambardadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braçais;

Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos, de fechamento contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

Considerando que o operariado português, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que os políticos, sempre férteis em promessas quando na oposição, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;

considerando que é especialmente ao comércio e à indústria que convém esta amalgama anormal da política portuguesa, pois é a sombra de tais portas escândalos desenvolvidos pelos que nos governam que mais fácil e impunemente exploram a bolsa do consumidor; considerando que nem uma só das chamadas classes liberais, e mesmo classes patronais, veio até nós demonstrar-nos que a necessidade já atingiu os seus lares, apoiando as nossas reclamações contra os assambardadores, perdendo, portanto, a autoridade moral para protestarem contra o que o operário, na sua infinita dor, venha a levar a efeito, visto que, na qualidade de trabalhadores do cérebro, nunca quiseram aproximar-se dos trabalhadores braçais;

Considerando que o operariado português em todos os seus movimentos, de fechamento contra a carestia da vida tem reclamado a liberdade de comércio, o que mais uma vez se repetiu no comício do dia 14 de Outubro;

Considerando que o operariado português, logo que se sentem seguros no olímpico poleiro governamental, cometem aula a casta de tropelias e escândalos, como, nestes últimos tempos, se tem visto até nos próprios ministérios;</p

O CALVARIO

POR
DCTRUG MIRBERU

XII

E para que elas habitem palácios que tu casas extenuado de cansaço; que tu morres de fome, que te esmagam a cabeça sobre as barricadas... Repara bem... Quando sás para a rua, reclamando pão, os gendarmes assombram-te, ferozes, a ti, pobre diabo!... Vê como elas abrem caminho aos carros e aos cavalos que as transportam! Repara! Que bela vindima! Que bela colheita de sangue!... Como o trigo bom cresceria, forte e nutritivo, na terra onde elas apodrecem... De repente, vi Juliette... Vi-a, durante um segundo, de perfil... Levava um chapéu côn de rosa, e estava fresca, sorridente; parecia feliz, correspondia, com ligeiras inclinações de cabeça, aos cumprimentos que lhe dirigiam... Juliette não me viu... Passou...

Vai a minha casa!... Lembrou-se... Não tive a menor dúvida!... Passava um fiacre vazio... Subi para ele... Juliette havia já desaparecido...

— Contanto que eu chegue ao mesmo tempo... Porque ela vai a minha casa!... Depressa, cocheiro, depressa! Nenhum trem diante da porta do hotel... Juliette já tinha partido! Precipei-me no cubículo da porteira!

— Vieram agora procurar-me? Uma senhora?... Madame Juliette Roux?

— Não, senhor Mintié.

Pensei:

— Chegará, dum momento para outro!

Esperei... Ningém!... Esperei ainda... Ningém!... O tempo fugia...

— A miserável!... E sorria!... E o seu rosto estava alegre!... E sabia que eu devia matar-me a seis vés!

Corri à rua Balzac... Célestine assegurou-me que a senhora acabara de sair.

— Escuta-me, Célestine... Tu és boa rapariga!... Eu estimo-te... Sabes onde ela está? Vai procurá-la, e diz-lhe que a desejo ver.

— Mas eu não sei onde a senhora está...

— Sim, Célestine, sim; tu sabes... Suplico-te... Vai! Sofro tanto!

— Palavra de honra!... Senhor, não sei.

Insistiu:

— Talvez esteja em casa do amante... ou em qualquer café... Oh! Dize-me!

— Mas, se o não sei!

— A impaciência apoderava-se de mim.

— Célestine... Tenho sido bom para ti... Não me irrites... senão...

Célestine cruzou os braços, abanou a cabeça, e, com uma voz arrastada de vadio, exclamou:

— Senão, quê?... Ah! o senhor está

aborrecer-me!... Ou deixa de per-

seguir-me ou eu acabo por chamar a polícia. Entende?

— E, empurrando-me para a porta, riu,

acrescentou:

— Ah! E' bem certo!... Estes por-

ões, são piores do que cães!

Tive a prudência precisa para não ar-

riscar uma discussão com Célestine, e,

vexado, desci a escada.

Era meia noite quando voltei à rua

Balzac... Tinha vagado em volta dos

restaurantes, procurando Juliette com os olhos, através dos vidros, por entre

as aberturas dos reposteiro... Tinha

entrado em diversos teatros... No Hip-

podrome, onde ela costumava ir, per-

corri todos os camarotes... Aquele

grande recinto, aquelas luzes deslum-

brantes, aquela orquestra, sobretudo,

que tocava uma ária languiida e triste,

tudo isso me tinha distendido os ner-

vos, tudo isso me tinha feito chorar!...

Aproximei-me de grupos de homens,

pensando que falariam de Juliette, que

conseguiria saber qualquer coisa. E de

todos os elegantes de casaca, dizia;

— Talvez seja o amante dela!

Que fazia ali?... Parecia que o meu

destino era correr por toda a parte,

sempre, sempre, viver sobre os passeios

das ruas, à porta dos locais duvidosos,

esperando a vinda de Juliette!...

Exausto de fadiga, com a cabeça a

zumbir, não encontrando Juliette em

uma parte alguma, poste-me de novo na

rua. Esperava!... O quê?... Na ver-

ade, nem o sabia... Esperava tudo e

não esperava nada... Estava ali para

me sacrificar, mas uma vez ainda, ou

para cometer um crime... Esperava

que Juliette voltasse só... Então corre-

ria para ela, enternecê-la... Receava

também vê-la com um homem... Se

desaparecera, dizendo:

— Vamos!... Sobe!

O homem continuava remexendo na

bóla...

Era Lirat!... Se as casas e o céu me

tivessem caído sobre a cabeça, eu não

ficaria mais estupefacto!... Lirat com

Juliette!... Não podia ser... Eu esta-

vado doido... Avancei ainda...

assim fosse, talvez a matasse... Não

imediativa coisa alguma... Estava

ali, eis tudo!... Para melhor a sur-

preender, escondi-me no ângulo da

porta, da casa vizinha.

Dali podia observar tudo, sem ser

visto, caso não quisesse mostrar-me...

A espera não foi grande. Um fiacre

desembocando do *faubourg Saint-Ho-*

noré, meteu pela rua Balzac, obliquou

para o meu lado, e, correndo rente ao

passo, parou em frente da casa de Ju-

liette... Eu sotocava... Todo o meu

corpo se agitava, sacudido por estreme-

cimentos... Juliette desceu primeiramente.

Lembra-te do que me disseste dela...

Lembra-te das belas coisas com que me

alimentaste o espírito!... Das belas coi-

sas que incitavas ao meu coração!...

Essa miserável mulher!... E' boa para

mim, que estou perdido... Mas tu!...

Tu és generoso, tu és um grande arti-

sta!... E' para te vingar de mim?

Um homem como tu não se vinga dessa

maneira... Não se: suja... Se não te

procurei, Lirat, foi porque não me atre-

vi, foi para não incorrer na tua cóle-

ra... Vejamos, fala-me, Lirat... Respon-

de-me...

Lirat continuava silencioso. Juliette

chamava-o do corredor:

— Vamos! Sobe!

Agarrei nas mãos de Lirat.

— Olha, Lirat... Ela ri-se de ti...

Não comprehends?... Um dia, disse-

me: «Hé! de vingar-me de Lirat, do

desprezo, dos seus modos altivos!...

Hé! de ter graca!» E vinga-se... «Vais

para casa dela, não é verdade?... E

amanhã, esta noite mesmo, daqui a

um pouco, expulsar-me há vergonhosamente!... Sim, é isso o que ela quer, juro-te!... Ah! Compreendoi... Perseguin-te... enlouqueceu-te... Ela é o

génio do mal; tu, é um casto!... Der-

ramos veneno nas tuas veias... Mas

tu és forte!... Depois do que se passou

entre nós, tu não podes!... Ou então

é um mau homem, um animal imundo

a quem eu admirava!... Um animal imundo!

Lirat, bruscamente, desembaraçou-se

de mim, e, afastando-me, com os pu-

nhos crispados:

— Pois bem, seja! exclamou... Sou

um animal imundo!... Deixa-me!

Houve um ruído surdo, que ressoou

na noite como o estampido de um tro-

ão... Era a porta que se fechava só

para Lirat...

As casas, o céu, as luzes da rua, gira-

vam, giravam... E não vi mais nada.

Extendi os braços para a frente, e caí

sobre a calçada...

Então, no meio de campos tranqui-

los, descobri uma estrada, toda branca,

sobre a qual um homem caminhava...

Esse homem contemplava, bebevendo

as searas que anadureciam ao sol, os

grandes prados onde rebanhos alegres

pastavam com o focinho enterrado na

erva... As macieiras estendiam para

os ramos carregados de frutos pur-

purinos; as fontes cantavam no fundo

das suas grutas musgosas... Ele sen-

teu sobre a margem, coberto naquele

estio de pequenas flores perfumadas, e,

deliciando-se, escutava a música divina

das coisas... Em toda a parte, vozes

que se elevavam da terra, vozes que

calmavam o céu, vozes acariciadoras, murmuravam: «Vem para nós, tu tens sofrido, tu tens pecado... Somos

as consoladoras que restituem aos des-

graçados o repouso da vida e a paz da

consciência... Vem para nós, tu que

queres viver!... E o homem, com os

braços erguidos para o céu, suplicou:

— Sim, quero viver!... Que é preciso

fazer para não sofrer mais?... Que

preciso fazer para não mais pecar?... A

árvore agitava-se